

## A ECONOMIA MUNDIAL NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

Os últimos 20 anos serão provavelmente caracterizados pelos analistas e historiadores da economia mundial como um período particularmente próspero e brilhante. Antes de defender e confirmar esta tese com cifras precisamos definir algumas expressões básicas utilizadas hoje sob a denominação de "economia mundial". A expressão "economia mundial" — neologismo que data aproximadamente de 1900 — aplica-se a 2 fenômenos muito diferentes. Pode significar a soma de tôdas as economias nacionais e como estas se compõem das economias locais ou regionais do país respectivo. Nesse sentido, pode-se avaliar grosso modo a renda ou o produto nacional bruto de todos os habitantes do globo e calcular com mais precisão a produção anual de açç, de petróleo, trigo, café, automóveis e numerosas outras matérias-primas e produtos acabados no mundo inteiro. Uma comparação dos resultados, digamos, para os anos 1947 e 1967 dá, sem dúvida, uma imagem apreciável da evolução da economia mundial nos últimos 20 anos.

Outra forma de encarar a economia mundial é mais restrita, porém, sob certos aspectos mais instrutiva: ela se limita aos movimentos do comércio internacional, visível (mercadorias) e invisível (serviços), e às transações financeiras entre diferentes

países, inclusive os investimentos e outros movimentos de capitais não diretamente ligados ao comércio exterior. Em outras palavras, trata-se de observar e de medir a evolução da economia mundial na base das balanças comerciais e dos balanços de

pagamentos internacionais. Sob estes aspectos também, a progressão nos últimos 20 anos é notável. O comércio mundial triplicou aproximadamente e, se eliminarmos a alta dos preços, duplicou; as transações financeiras internacionais se ampliaram em proporções ainda maiores.

#### O "MUNDO" FICOU MENOR

O impulso que teve a economia mundial parece mais impressionante ainda pelo fato de que o "mundo", tal como figura na maioria das estatísticas, se tornou menor. Até 1948, a URSS era virtualmente o único país com um sistema econômico bem distinto daquele que existe no mundo ocidental. Nos anos seguintes, territórios da Europa oriental compreendendo mais de 100 milhões de habitantes e, na Ásia, a China e diversos países vizinhos do Extremo Oriente passaram à economia coletivista. Suas relações comerciais e financeiras com o mundo ocidental foram reduzidas ao extremo e, não obstante a tendência em sentido oposto que se observou nos últimos anos, o comércio entre o Leste e o Oeste não alcança ainda 5% do comércio internacional do Ocidente, enquanto os habitantes do mundo comunista cu em sua órbita constituem 1/3 da população mundial.

Não se deve perder de vista outro fenômeno que contribui para "tornar mais estreita" o que se chama a economia mundial. Frequentemente, essa expressão é identificada com a situação e a evolução econômica em alguns grandes países. Sem dúvida, o peso econômico e sobretudo financeiro das nações difere de uma para outra e não se pode adicionar simplesmente a situação em cada uma, como se contam os votos na Assembléia das Nações Unidas, para medir, pelo método da maioria, a evolução, o progresso ou a regressão da economia mundial. Todavia, o peso dos "grandes" faz às vezes esquecer a situação dos menores e menos favorecidos pelas circunstâncias, o que conduz a julgamentos equívocos sobre a conjuntura da economia mundial.

Infelizmente, não existe ainda um método ou fórmula universal para medir e comparar a evolução econômica nos diversos países. O método mais seguro parece ser o das "relações de trocas" isto é, a relação preços dos produtos exportados/preços dos produtos importados; incontestavelmente, esta relação é de grande importância, sobretudo para os países que exportam um número restrito de produtos mas são obrigados a importar grande quantidade de produtos diversos. O Brasil, com a preponde-

rância do café em sua exportação, fornece um exemplo particularmente instrutivo a êste respeito.

Entretanto, as relações de trocas constituem apenas um aspecto, entre muitos outros, ligados ao comércio internacional. O comércio exterior não tem a mesma significação em todos os países. Na Holanda, quase um quarto da renda nacional é absorvida pelas importações e na Nova Zelândia a porcentagem é ainda maior, enquanto nos Estados Unidos ela corresponde apenas a 3% da renda nacional. A velha explicação segundo a qual os países grandes e com recursos naturais diversificados podem contentar-se com um comércio exterior relativamente fraco, enquanto os pequenos têm necessidade de um grande comércio exterior, foi desmentida nos últimos 20 anos. A Alemanha ocidental, rica em recursos próprios, tornou-se o segundo exportador do mundo e sua balança comercial acusa o maior superavit já registrado na Europa.

#### RECONVERSÃO E RECONSTRUÇÃO

A evolução da economia do mundo ocidental tomou curso bem diferente do que se esperava logo após a guerra. Os dois objetivos principais eram, na América e especialmente nos Estados Unidos, a reconversão da

economia de guerra para a economia de paz, e na Europa a reconstrução das instalações industriais, dos meios de transportes e das habitações destruídos pela guerra.

A primeira das duas tarefas — adaptação da economia americana às necessidades da paz — foi resolvida mais rapidamente do que se pensava. Recordando-se das grandes dificuldades que um trabalho idêntico enfrentou após a primeira guerra mundial, muitos especialistas contavam com a probabilidade de 10-15 milhões e até 20 milhões de desempregados. Na realidade, porém, a desmobilização se efetuou sem graves perturbações econômicas. Apenas num curto período o número de desempregados nos Estados Unidos alcançou 4 milhões. Depois, o mercado de trabalho se normalizou em nível bem mais favorável do que antes da guerra, quando o número de desempregados atingiu durante longos anos 10-12 milhões.

Houve, entretanto, uma reificação do conceito básico — a antiga idéia, geralmente admitida até a grande crise de 1929, de que numa economia próspera 2% da mão-de-obra sem trabalho eram suficientes para assegurar a elasticidade necessária ao organismo econômico; a partir de então e até hoje se consi-

dera na América do Norte que um desemprego correspondendo a 4-5% do efetivo ocupado nada tem de tranquilizador, mesmo nos períodos de boa conjuntura. Ao contrário, na Europa se continuou a encarar um desemprego de tais proporções como mau sinal conjuntural e, por motivos orçamentários, como indesejável. O número de desempregados nos grandes países industriais europeus foi mantido em nível insignificante. Tentou-se conservar a elasticidade do mercado de trabalho com os operários migrantes, oriundos dos países subvoados ou menos florescentes.

No primeiro decênio do pós-guerra a reconstrução na Europa se efetuou em ritmo ultra-rápido. Fábricas maiores, mais modernas, mais eficientes que as antigas destruídas pelos bombardeios, surgiram como cogumelos nos países aliados e, em maior escala ainda, os ex-inimigos, particularmente a Alemanha, cuja produção de aço, de automóveis e máquinas de todo tipo ultrapassaria em breve a da Inglaterra e a da França.

Por certo, nem o talento organizativo dos empresários nem a assiduidade e disciplina dos operários europeus teriam terminado essa gigantesca obra de reconstrução em lapso de tempo tão curto sem a assistência técnica e financeira dos EUA. Em

junho de 1947 o Secretário de Estado dos Estados Unidos, George C. Marshall, expunha em discurso na Universidade de Harvard o plano que receberia mais tarde o seu nome: "restaurar a saúde econômica da Europa Livre" através de ampla ajuda financeira. Nos 3 anos e meio seguintes, o Congresso americano votava créditos no total de 12 bilhões de dólares — a cifra mais alta concedida a quaisquer outros países em tempos de paz.

#### PROBLEMAS NÃO RESOLVIDOS: HABITAÇÃO

Embora esta assistência maciça tenha contribuído grandemente para o reforço da economia européia, ela lhe deu um caráter expansionista, que ultrapassou o objetivo propriamente dito da reconstrução. O antagonismo entre a expansão e a reconstrução se revelou sobretudo no domínio da habitação. A destruição de dezenas de milhões de residências na Europa Ocidental e central fez da reconstrução residencial uma necessidade das mais prementes. Mas este problema, pelo qual grande parte da população se interessava diretamente, não encontrou solução adequada e até hoje não foi resolvido na maioria dos países europeus.

Por motivos sociais, as autoridades consideraram necessário

manter os aluguéis dos imóveis que tinham sobrevivido à guerra em nível extremamente baixo, o que desestimulou a construção de novas moradias. Os salários dos operários e pequenos empregados se baseavam em geral nos antigos aluguéis e as associações patronais concordavam a respeito, com o seu pessoal, protegido pela legislação dos aluguéis baratos, que não correspondiam de forma alguma ao preço das novas construções; um forte aumento dos aluguéis acarretaria inevitavelmente um acréscimo correspondente dos salários, o que viria pôr em perigo a capacidade competitiva dos produtos europeus no mercado mundial.

Em consequência deste círculo vicioso, o sistema tradicional das residências para locação não podia ser restabelecido. À parte um número inteiramente insatisfatório de novas construções executadas com subvenção governamental, a construção residencial se limitou a habitações para vender e não para alugar, isto é, acessível somente a pequena parte da população. No momento a oferta de tais habitações já ultrapassa a procura e o mercado livre das construções residenciais se acha em diversos países, como por exemplo a França, em vésperas de séria crise.



## CRIAÇÃO DE MERCADOS COMUNS

Os falsos cálculos feitos sobre a construção residencial se refletiram também na indústria, em particular na siderurgia e, em consequência, na exploração das minas de carvão, ou seja, nas duas indústrias básicas consideradas como o verdadeiro fundamento da economia européia. As transformações no armamento repercutiram no mesmo sentido. O fato era indiscutível: o mundo tinha necessidade de menos aço e de menos carvão.

A criação, em 1950, da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA) pelos 6 principais produtores do continente euro-

peu — mas sem a Inglaterra — foi saudada como o embrião da futura Europa unida, porém seu efeito econômico continuou modesto. Os progressos da tecnologia se revelavam mais fortes que os sonhos políticos. A CECA permaneceu no fundo um cartel internacional que oferecia aos seus associados certas vantagens às custas de outrem, mas não se distinguia muito das organizações que existiam antes da guerra para numerosas outras matérias-primas.

Uma iniciativa mais ousada e mais bem sucedida levou à criação, em 1957, do Mercado Comum (Comunidade Econômica Européia, CEE). Os membros são

os mesmos da CECA (França, Alemanha Ocidental, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo), mas seu raio de ação é muito mais amplo. Compreende virtualmente todos os produtos industriais, exceto aqueles para os quais a CECA e a EURATOM, a terceira organização dos "Seis", são competentes.

O objetivo do Mercado Comum era chegar, em 15 anos, a uma união aduaneira completa para os produtos industriais, assim como para os agrícolas, mantendo ao mesmo tempo barreiras alfandegárias uniformes para os produtos oriundos dos países não associados. Quanto aos produtos industriais, o período de transição de 15 anos podia ser reduzido, mas no que se refere aos produtos agrícolas havia ainda atraso no programa inicial e, apesar de um acôrdo de princípio concluído em 1967 depois de longas negociações, numerosos problemas estão ainda por solucionar.

Notadamente, os 2 países entre os "Seis", interessados na exportação de seus produtos agrícolas, a França e a Holanda, insistem em preços remuneradores, enquanto os países essencialmente industriais desejam gêneros alimentícios baratos para seus operários. Esse problema delicado provavelmente se complicaria ainda mais se a Inglaterra

entrasse no Mercado Comum, pois os ingleses têm há mais de um século o hábito de se abastecer no Canadá, Austrália, Nova Zelândia, a preços inferiores aos dos concorrentes europeus.

#### OS INVESTIMENTOS AMERICANOS NA EUROPA

Se o Mercado Comum não conseguiu até agora reduzir os preços — tanto os industriais como os agrícolas — para os consumidores, pôde, no entanto, assegurar lucros apreciáveis à maioria das indústrias dos seus associados. Esta política teve naturalmente influência sobre as correntes internacionais de capitais. Enquanto antes da guerra a Europa parecia um continente em declínio, ela se tornou depois atraente para os capitais não europeus, em particular os americanos.

Segundo estatísticas oficiais norte-americanas elaboradas pelo Departamento de Comércio, os investimentos diretos dos Estados Unidos na Europa passaram de 1,7 bilhão de dólares em 1950 a 6,7 bilhões em 1960 e a 16 bilhões em 1966. Conquanto a participação dos países do Mercado Comum nos investimentos americanos haja aumentado continuamente, as maiores cifras cabem sempre à Grã-Bretanha (em 1966, 5.199 milhões de dólares ou 36,5% dos investi-



## UM ÓLEO IDEAL PARA MOTORES DIESEL



um produto da  
COMPANHIA  
BRASILEIRA  
DE PETRÓLEO  
IPIRANGA

mentos acumulados totais); seguem-se a Alemanha, com 2.471 milhões de dólares, ou 17,5%; a França, com 1.584 milhões . . . (11,4%); e a Suíça, com 1.116 milhões (8%).

Os movimentos de capitais em sentido oposto foram bem mais restritos. Os investimentos europeus nos Estados Unidos apenas triplicaram, passando de 2,2 bilhões de dólares em 1950 a 6,5 bilhões em 1966, enquanto os americanos na Europa quase decuplicaram no mesmo período.

Embora os investimentos americanos sejam em grande parte reinvestimentos dos lucros,

dividendos e juros provenientes de investimentos anteriores, o afluxo de novos capitais constitui, ao lado das despesas dos turistas americanos, uma das principais fontes de receitas em dólares dos países europeus. E os dólares se transformam mais cedo ou mais tarde em ouro. Por certo, os investimentos não são um donativo, como os bilhões do Plano Marshall, mas para os investidores, freqüentemente o começo de um ótimo negócio. Todavia, constituem um dos motivos das perdas contínuas de ouro dos Estados Unidos. No período entre as duas guerras mundiais as reservas de ouro dos Estados Unidos constituíam 2/3 do ouro em poder dos bancos centrais ou dos governos. Hoje elas se reduziram a menos de 1/3, enquanto os países europeus — exclusive os da Europa oriental — acumularam cerca de 60% do ouro mundial.

Não obstante esta modificação das reservas de ouro, a confiança no dólar não se abalou, tanto na Europa quanto nas outras partes do mundo. As reformas prudentes decididas na Assembleia do Fundo Monetário Internacional, há pouco realizada no Rio de Janeiro, reforçaram de novo a posição preponderante dos EUA na economia mundial.